

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
SVEN NYKVIST  
28 de janeiro de 2022

## DAS SCHLANGENEI – THE SERPENT’S EGG / 1977 (*O Ovo da Serpente*)

Um filme de Ingmar Bergman

**Realização e Argumento:** Ingmar Bergman / **Fotografia:** Sven Nikvist / **Música:** Rolf Wilhelm / **Montagem:** Jutta Hering, Petra von Oelffen / **Direcção Artística:** Werner Achmann, Herbert Strabel / **Figurinos:** Charlotte Fleming, Egon Strasser, Ute Klimke / **Coreografia:** Heino Hallhuber / **Efeitos Especiais:** Karl Baumgartner, Dieter Ortmeier, Willi Hormandinger / **Intérpretes:** Liv Ullman (Manuela Rosenberg), David Carradine (Abel Rosenberg), Gert Froebe (inspector Bauer), Heinz Bennent (Hans Vergerus), James Whitmore (padre), Glynn Turman (Monroe), Georg Hartmann (Hollinger), Edith Heerdegen (Frau Holle), Fritz Strassner (dr. Soltermann), Hans Quest (dr. Silbermann), Paula Braend (Frau Hemse), Walter Schnidinger (Salomon), Lisi Mangold (Mikaela), Grischa Huber (Sterlla), Paul Burks (artista de cabaret), Emil Feist (Cupido), Renate Grosser, Hildegard Busse (prostitutes).

**Produção:** Rialto Film, Dino de Laurentiis / **Cópia:** DCP, colorida, diálogos em inglês com legendagem eletrónica em português, 119minutos / **Estreia Mundial:** Suécia, em Outubro de 1977 / **Estreia em Portugal:** cinema Londres, em 27 de Julho de 1978.

---

**The Serpent’s Egg**, ou **Das Schlangenei** (passaremos a usar, ao longo do texto, apenas o título inglês), aparece como um objecto mais ou menos insólito, na obra de Bergman. Para quem a conhece com alguma amplitude, o filme que vamos ver é um corpo algo estranho incrustado entre duas das suas obras mais sugestivas, **Ansikte Mot Ansikte/Face a Face** (1976) e **Höstsonaten/Sonata de Outono**. A diferença mais notória tem a ver com a língua e a origem: realizado na Alemanha e falado em inglês e alemão, e interpretado por um actor estranho ao “corpus” da obra de Bergman, o americano David Carradine. Era a segunda vez que um “desvio” destes acontecia, sendo o primeiro de 1971: **The Touch/Beröringen/O Amante**, interpretado por Elliott Gould, e tal como nesta, o filme, para além de parecer algo deslocado, foi um “flop” na sua carreira. Dir-se-ia que, como o gigante da mitologia, Bergman perde a força vital que o possuía quando se afastava da sua terra natal, ideia que nem **Aus dem Leben der Marioneten/Da Vida das Marionetas**, feito na Alemanha em 1980, põe em causa. De regresso à Suécia, o seu último filme (assumido), **Fanny och Alexander** seria uma das suas obras-primas, e os trabalhos posteriores, para a televisão, até ao mais recente, o prodigioso **Saraband**, filmado em câmara digital, parecem confirmar a tese.

É conhecido o motivo da mudança de cenário. Não foi uma decisão voluntária a que levou Bergman a sair da Suécia, mas sim um problema com as Finanças que lhe exigiam o pagamento de impostos atrasados e o ameaçavam com a prisão. Bergman escolheu o “exílio” onde permaneceria até a situação ficar regularizada. **The Serpent’s Egg** é o filme desse intervalo, para o qual Bergman resolveu materializar um velho sonho que o atormentava, uma cidade marcada pelo medo e a angústia, que o fazia acordar sobressaltado, tal como o professor de **Smultronstället/Morangos Silvestres** com o seu

singular e perturbante sonho. Se desta vez Bergman dá uma base mais reconhecível ao sonho, a atmosfera de angústia e pesadelo são da mesma ordem, tal como o estilo, que em ambos os casos se identifica com o expressionismo.

No caso de **The Serpent's Egg**, a questão do estilo é o que de mais interessante o filme oferece, mas é também o mais vulnerável calcanhar de Aquiles. Por um lado, essa característica remete o filme para a própria época que descreve, a Alemanha (mais concretamente, a cidade de Munique) dos anos 20 do século passado, mas por outro torna demasiado evidente, direi mesmo redundante, a sua ideia e a sua mensagem, e este será talvez o mais surpreendente, não em termos positivos, deste filme, pois o cinema de Bergman não se enquadra nesse padrão (Para usar da própria metáfora do filme, ela é mais que visível através da película, o que não acontece no resto da sua obra, geralmente se apresenta "através de um vidro escuro" como diz o título de outra das suas obras-primas). Personagens e situações de **The Serpent's Egg** levam-nos para o cinema expressionista, sem que daí resulte algo de significativo, pois basta comparar com qualquer filme de época para se detectar a fragilidade da evocação. Estou a pensar, particularmente, nos filmes de G.W. Pabst, que Bergman chega quase a imitar sem grande sucesso (veja-se a cena da bicha matutina à porta da padaria e compare-se com cena idêntica em **Die Freudlose Gass/Rua Sem Sol**, que o realizador alemão fizera em 1924). E pode-se lembrar também a fabulosa série televisiva que Fassbinder fez três anos depois, **Berlin Alexanderplatz**, bem mais conseguida na construção dessa cidade de "pesadelo" que Bergman gostaria de ter evocado neste filme (as aproximações entre as duas obras são ainda maiores, pois a personagem de Abel Rosenberg (David Carradine) pode ser vista com um esboço do Franz Biberkopf criado por Alfred Döblin no seu romance que Fassbinder adaptou).

O filme de Bergman decorre no espaço de uma semana, que culmina no falhado golpe de estado tentado por Hitler em Novembro de 1923, no período mais negro da crise económica que a Alemanha vivia desde o fim da guerra. O falhanço do golpe levou à crença da força da República Weimar para fazer face à crise, tal como afirma o inspector da polícia (Gert Frobbe) no final do filme, vistos retroactivamente, nada têm de impressionante, pois limitam-se a referir factos históricos passados de que o espectador já tem, naturalmente, conhecimento (aqui, de novo, se impõe a comparação com os filmes da época, neste caso com os de Fritz Lang que são uma verdadeira premonição do drama que se aproximava). Uma das seqüências mais interessantes de **The Serpent's Egg** decorre no interior do cabaret onde Manuela (Liv Ullmann) actua, com a invasão dos "camisas castanhas" de Hitler, mas Bergman não consegue, aqui, dar toda a tensão que o episódio promete. Mesmo o filme de Bob Fosse, **Cabaret**, é mais efectivo e funcional na forma como "dá a perceber materialmente a subida do nazismo no interior de um mesmo espectáculo ou de uma canção", como refere Serge Daney na sua crítica ao filme de Bergman.

Manuel Cintra Ferreira

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico